

MONTE DOS PERDIGÕES

O CULTO DA TERRA  TERRA DE CULTURA
THE CULT OF THE LAND LAND OF CULTURE

ALBERTO FRANCO
ANA TELLES

PREFÁCIO/FOREWORD
JOSÉ CUTILEIRO

FOTOGRAFIA/PHOTOGRAPHY
JOSÉ MANUEL RODRIGUES

Título / Title	Monte dos Perdigões – O Culto da Terra, Terra de Cultura Monte dos Perdigões – The Cult of the Land, Land of Culture
Autores / Authors	Alberto Franco Ana Telles
Prefácio / Foreward	José Cutileiro
Editor / Publisher	Luís Nazaré Gomes
Fotografia / Photography	José Manuel Rodrigues Filipe Wellington
Edição de Imagem / Image Processing	João Pedro Cochofel
Tradução / Translation	Bettina Myers
Revisão / Proofreading	Frederico Carvalho
Designer	Pedro Bacelar
Editora / Publisher	Althum.com
Produção/ Production	Althum.com, Edições Especiais, Lda
Depósito Legal / Legal Deposit	350 736/12
ISBN	978-989-683-025-0
Tiragem / Print Run	1.500 exemplares

© Granacer SA e Althum.com

Lisboa, Novembro de 2012
Lisbon, November 2012

althum.com

Rua Conde de Sabugosa, 7 – 1º Dto
1700-115 Lisboa
PORTUGAL

Tel: (+351) 218 409 406
www.althum.com

info@althum.com

Reservados todos os direitos. Não pode ser reproduzido, arquivado ou transmitido de forma alguma ou por meio algum, seja ele mecânico, electrónico, fotocópia ou outro, o todo ou parte deste livro sem autorização antecipada e escrita do editor.

All rights reserved. This book, whether all or part thereof, may not be reproduced, filed or transmitted in any way or using mechanical, electronic, photocopy or another means without the prior written authorisation of the publisher.

11	Prefácio Foreword	José Cutileiro
17	I. Um Património com 500 anos 500 Years of Heritage	Alberto Franco
89	II. Luís de Freitas Branco e o Monte dos Perdigões Luís de Freitas Branco and Monte dos Perdigões	Ana Telles
186	Notas Notes	



I

Um Património com 500 Anos

500 Years of Heritage



Um oásis no Alentejo

An oasis in the Alentejo

O Monte dos Perdigões está pousado numa daquelas colinas que parecem feitas para desmentir que tudo no Alentejo é plano. Transposto o portal que dá acesso à propriedade, à beira da estrada que liga Reguengos de Monsaraz ao Alandroal, o caminho faz-se a subir, entre alas de pinheiros e vinhedos cor de esmeralda.

O verde acompanha-nos a cada passo. A uma exploração agrícola especialmente bem cuidada, chamavam os antigos um jardim. Nos Perdigões, a metáfora transforma-se em realidade. Para que se saiba que nem toda a paisagem alentejana amarelece quando castigada pelo sol abrasador do estio.

Milagres que a água faz, dirão alguns. Pois sim, mas também há aqui muito de amor à terra. De vontade de conservação de um património enraizado no mesmo local vai para 500 anos. De teima pessoal em fazer da propriedade um fresco oásis, numa região de calor desmedido.

Caminhemos pelas ruas do Monte, calcetadas a preceito, adornadas com moitas de florzinhas lilases e talhas de barro com o seu perfil obeso de deus Baco. Desvanecidos os vapores

Monte dos Perdigões is set on one of those hills which seem made to challenge the idea that the Alentejo is all flat. Going through the gateway to the property on the road from Reguengos de Monsaraz to Alandroal, the road rises up between rows of pine trees and large emerald coloured vineyards.

You see green at every step. An especially well-tended farm used to be called a garden in times gone by. At Perdigões, the metaphor becomes reality and shows that the Alentejo landscape does not always turn yellow when punished by the scorching summer sun.

The miracle of water, some would say. Well yes, but then here there is a great love of the land, a desire to conserve a property which has been in the same location for almost 500 years and a personal determination to turn the property into a cool oasis in a very hot region of the country.

We walk along the Monte's traditionally paved road which is adorned on each side by thickets with tiny lilac flowers and heavy round Bacchus-shaped clay water-pots. The smell of

alcoólicos, as antigas talhas servem agora de inofensivos vasos de plantas.

Entre maciços de verdura, uma fonte canta-nos ao ouvido. No meio dum relvado, uma trepadeira abraça a surpresa de uma pequena torre de traço medieval – sugestão de ruínas ao gosto romântico de outros tempos. Jacarandás e palmeiras trazidas de longe convivem com oliveiras meridionais, de troncos esculpidos pelo tempo.

A alvura da cal que tinge as paredes do Monte espalha luminosidade e aumenta a sensação de frescura. O dourado do ocre, em rodapés, faixas e volutas de curvatura barroca, dá galões de nobreza ao manto branco da calça.

A arquitectura do Monte segue os usos do Alentejo. Casas térreas, de volumetria horizontal, com excepção da morada dos proprietários, a que foi acrescentada um piso. Acolhedores pátios recamados de azulejos albergam alambiques e alfaias que lembram o passado agrícola da casa.

Fixemo-nos agora na paisagem em redor. O olhar começa por prender-se na mancha clara da cidade de Reguengos de Monsaraz, sede do concelho em que nos situamos. Em dias límpidos, a vista consegue beber na vastidão aquática de Alqueva, sinal de que o Guadiana corre próximo. De pontos de mira bem escolhidos, é a silhueta medieval de Monsaraz que se vislumbra, na sua alta solidão.

Num plano mais próximo, avista-se o fresco tapete dos vinhedos do Monte, origem dos seus apreciados néctares, em suave descida pela colina, ao encontro de olivais e campos de sementeira. Pão, azeite e vinho – a trindade inseparável do existir mediterrânico, expressão de uma cultura milenar, mais do que simples alimentos.

alcohol has long since disappeared and today the old pots serve as inoffensive flower pots.

You can hear the song of the fountain among the grassy plots. In the middle of the lawn, a climbing plant embraces a small medieval kind of tower – suggesting the romantic ruins of times gone by. Jacarandas and palm trees, brought from far away, dwell together with southern olive trees whose trunks have been sculpted by time.

The purity of the Monte's whitewashed walls diffuses light and enhances the sensation of coolness. The golden colour of the ochre on the skirting, fascias and the Baroque curved volutes add noble epaulets to the white blanket of the walls.

The architecture of the Monte is traditionally Alentejan, with low houses extending out at ground level, with the exception of the owner's house to which a second floor has been added. Cosy patios embroidered with decorative tiles are home to stills and farming tools, recalling the house's agricultural past.

Now let us concentrate our attention on the surrounding landscape. We begin by looking out to the light patch that is the city of Reguengos de Monsaraz, the capital of the municipality. On clear days, the view takes in the aquatic vastness of Alqueva, a sign that the River Guadiana flows nearby. Looking out from a good vantage point, we can see the Medieval silhouette of Monsaraz dazzling in its high solitude. Closer by, we can see the cool carpet of the Monte's vineyards, which produce highly appreciated nectars and gently run down the hill to meet the olive trees and sowed fields. Bread, olive oil and wine – the inseparable trinity of Mediterranean life – is more an expression of ancient agriculture than simple food.

*Milagres que a água faz,
dirão alguns. Pois sim, mas também
há aqui muito de amor à terra.
De vontade de conservação de um
património enraizado no mesmo
local vai para 500 anos*

*The miracle of water, some
would say. Well yes, but then here
there is a great love of the land,
a desire to conserve a property
which has been in the same location
for almost 500 years*



Oliveiras centenárias: testemunho vivo da antiguidade do território
Centuries old olive trees: a living witness to the territory's great age

Entretanto, o Homem aprende a trabalhar os metais, em primeiro lugar o bronze, depois o ferro, aplicando os novos saberes no fabrico dos mais variados artefactos. Povos versados nas técnicas metalúrgicas chegam à região a que hoje chamamos Alentejo, para se dedicarem à exploração mineira, à agricultura e à pastorícia. A ocupação humana de Monsaraz, a vila amuralhada que vigia a planície em redor, data dessa época.

«Os velhos habitats, em campo aberto, são substituídos por outros em locais mais elevados e nas imediações de solos mais ricos que as novas tecnologias, chegadas do Mediterrâneo, já permitem trabalhar. [...] É por esta altura que o cerro onde hoje se situa Monsaraz assiste à primeira ocupação humana. [...] Longe vão os tempos em que o homem vivia junto às linhas de água sem grandes preocupações de defesa. Agora os tempos são outros. O antigo inimigo, a fome, foi relegada para segundo plano. Agora, o maior inimigo do homem é o próprio homem.»^[4]

Pela região passaram depois outros povos, como os fenícios e os celtas. Mas serão os romanos, com a sua vocação imperial, quem deixará marcas mais profundas no território.

Uma dessas marcas é o «monte» alentejano, descendente da exploração agrícola típica da Roma Imperial, a *villa*, que os colonos recriavam nas terras conquistadas pelo passo imparável das legiões. Das *villae* da Península Ibérica – a Hispânia, no mapa do Império – saía parte substancial dos alimentos de que Roma carecia, como ressalta o historiador Cláudio Torres:

«A partir das convulsões do século III dC, quando o Império é obrigado a abastecer a megalópolis de Roma e outros grandes centros urbanos, aumenta a sua importação de géneros agrícolas oriundos do Norte de África e sobretudo da Hispânia. É nessa altura que se constituem nas terras do Sul ibérico, tanto nas planícies da Bética como no Alentejo, as primeiras grandes propriedades agrícolas que séculos mais tarde serão a matriz dos montes alentejanos – as villae – herdadas nessa altura trabalhadas exclusivamente por mão-de-obra escrava.»^[5]

Restos de algumas dessas *villae* foram encontrados no concelho de Reguengos de Monsaraz:

«Junto à Caridade, na Azinheira e na Arraeira e provavelmente noutros sítios onde vestígios romanos ocorrem à superfície, terão as gentes de Roma edificado as suas casas agrícolas.»^[6]

During the Neolithic age, man overcame the phase of mere food gathering and began to cultivate the land and domesticate animals, thus depending less on the kindness of nature and taking greater control of his destiny. More people settled near the great rivers in search of the blessings of water and fertile land for farming.

The presence of these populations is shown by the many Megalithic monuments in Alentejo Central and Alto Alentejo, which form the most important Megalithic landscape in the Iberian Peninsula and one of the most remarkable in Europe. 150 archaeological finds are marked in the municipality



Uma torrezinha de cunho medieval transporta para os Perdigões a fantasia arquitetónica dos tempos românticos

A small tower in the medieval style brings the architectural fantasy of the Romantics to Perdigões

A substituição dos romanos pelos visigodos e destes pelos árabes não terá modificado substancialmente o tipo de propriedade latifundiária que a *villa* representava. Por fim, com a Reconquista cristã, consolida-se a figura do «monte»: uma construção rural isolada, com instalações afectas à exploração da terra e à habitação.

Desde os primórdios da nacionalidade que a vila de Monsaraz foi o núcleo urbano mais importante na área do Monte dos Perdigões. Reconquistada aos mouros por D. Sancho II, em 1232, a cidadela foi doada à Ordem dos Templários. Em 1276, por foral de D. Afonso III, tornou-se a sede administrativa, judicial e militar da região.

of Reguengos de Monsaraz and include dolmens, menhirs, cromlechs and other funeral monuments – of note being the Menhirs of Belhoa and the Menhir of Outeiro, Dolmens 1 and 2 of Olival da Pega, the Cromlech of Xerez and the Rocha dos Namorados that I have already mentioned. Archaeologist Jorge de Oliveria writes the following about the origins of these monuments:

«Imbued with deeply naturalist myths in which mother earth played an important role, these men brought their Neolithic culture and created areas for their deceased in the land on which they increasingly depended. [...] Not far from the area

Damião de Góis

Damião de Góis

O topónimo Perdígões deriva do nome dos primitivos donos do Monte – a família Perdígão. O genealogista D. Luiz de Lancastre e Távora informa:

«PERDIGÃO – Nome proveniente de alcunha, foi adoptado como nome por uma família do Alentejo. Já existia ela em finais do século XIV e princípios do XV, pois Lourenço Anes Perdígão foi escudeiro de D. João I. A genealogia desta família, no entanto, só se pode começar a traçar documentalmente a partir de Miguel Perdígão, que foi mestre-sala do Infante D. Duarte, filho de D. Manuel I. Pelos célebres versos de Camões que começam ‘Perdígão perdeu a pena’ se deduz que era então esta uma família com pretensões de uma nobreza não correspondente à possuída realmente. Usam os Perdígões por armas: de ouro, cinco perdígões de sua cor, postos em aspa. Timbre: um perdígão do escudo.»^[7]

Como foi norma em Portugal a partir do século XIII, as terras do Monte dos Perdígões estavam em regime de morgadio. Tal significava que por morte do seu possuidor, o morgado, deviam ser transmitidas por inteiro ao seu sucessor, habitualmente o primogénito. Na prática, tratava-se numa forma de manter a unidade do património familiar, impedindo a sua divisão por vários herdeiros.

O morgadio dos Perdígões foi instituído por Gomes Pires Perdígão, em data que se desconhece. Nos finais do século XV, o seu titular era Heitor Nunes Perdígão. Quando este faleceu, a propriedade passou para a sua filha, Isabel Perdígão, casada com Frutos de Góis, meio-irmão do eminente humanista, diplomata e historiador Damião de Góis (1502-1574).

É tradição antiga que Damião de Góis frequentou o Monte dos Perdígões. À distância de 500 anos, não será fácil demonstrar documentalmente as razões em que se funda tal tradição. Sabe-se, no entanto, que entre Damião e o seu irmão Frutos (também identificado como Frutos ou Frutuoso), existiu uma relação próxima. Um dos filhos de Damião chamou-se Frutuoso, sinal de que esse era um nome de boa memória para o humanista.

The name Perdígões derives from the name of the first owners of the Monte – the Perdígão family. The genealogist D. Luiz de Lancastre e Távora explains it like this:

«PERDIGÃO – The name came from a nickname adopted as a name by an Alentejo family. It already existed at the end of the 14th and beginning of the 15th centuries, because Lourenço Anes Perdígão was the scout of King D. João I. The genealogy of the family, however, was only documented from the times of Miguel Perdígão, who was the master of ceremonies of Prince D. Duarte, the son of King D. Manuel I. The famous verses of Camões which begin “Perdígão perdeu a pena” (Perdígão (Partridge) has lost its feather) gives the idea that this was a family with pretensions to a nobility that they did not really have. They used Perdígões (partridges) for their coat of arms: it was golden coloured, with five partridges in their own colour and in an X-shaped cross. Emblem: a partridge from the shield»^[7]

As was the custom in Portugal from the 13th century, the land of Monte dos Perdígões used the majorat system of succession, which meant that on the death of its owner, the squire, the whole property would be bequeathed to their successor, who was usually the first born child. In practice it was a way of keeping the family property together and preventing it from being divided among various heirs.

The Perdígões majorat was instituted by Gomes Pires Perdígão at an unknown date. At the end of the 15th century, its owner was Heitor Nunes Perdígão. When he died, the property went to his daughter, Isabel Perdígão, who was married to Frutos de Góis, half-brother of the eminent humanist, diplomat and historian, Damião de Góis (1502-1574).

It is traditionally held that Damião de Góis visited Monte dos Perdígões. 500 years later, it would be difficult to show documents proving this. It is known, however, that Damião had a very close relationship with his brother Frutos (also identified as Frutos or Frutuoso). One of Damião’s sons was called Frutuoso, a sign that the name brought back good memories for the humanist.



Damião de Góis, humanista português, retratado por Albrecht Dürer
A portrait of the Portuguese humanist, Damião de Góis, by Albrecht Dürer

Além disso, crê-se que Damião de Góis se deslocaria a Évora com alguma frequência, pois as cortes dos reis D. Manuel e D. João III, às quais pertenceu, trocavam frequentemente Lisboa pelo burgo alentejano. Durante larguíssimas temporadas, o centro político do reino transferia-se para Évora, à época a segunda cidade portuguesa.

Figuras como o poeta e cronista Garcia de Resende chegaram a solicitar aos influentes da corte joanina que intercedessem junto do monarca para que Évora passasse a gozar dos mesmos privilégios que Lisboa. Numa carta dirigida a D. Francisco de Castelo Branco, datada de 1535, Garcia de Resende enumerava assim as qualidades da urbe eborense:

Furthermore, it is believed that Damião de Góis travelled to Évora quite often as a member of the courts of Kings D. Manuel and D. João III, which moved frequently between Lisbon and this Alentejan town. Évora, which was Portugal’s second city at the time, became the kingdom’s political centre for very long periods.

Figures such as poet and chronicler Garcia de Resende asked influential people in King João’s court to persuade the king to grant Évora the same privileges as Lisbon. Garcia de Resende described the qualities of the *urbe eborensis* (the town of Évora) in a letter to D. Francisco de Castelo Branco, dated 1535:

Damião de Góis regressa definitivamente a Portugal em 1545. Apresenta-se em Évora, na corte de D. João III, em Setembro desse ano, esperando obter o cargo de mestre do infante D. João. Mas a conjuntura político-cultural portuguesa tinha-se alterado significativamente, com a introdução da Inquisição e a influência junto da corte duma corrente teológica contrária às posições de Erasmo. Ainda em 1545, o jesuíta Simão Rodrigues denuncia Damião de Góis à Inquisição, devido às relações deste com o pensador de Roterdão, cujas obras constam agora do *Índice inquisitorial*.

À partida, esta denúncia não abalou o prestígio de Damião de Góis, como se prova pela sua nomeação para o cargo de guarda-mor da Torre do Tombo, por alvará régio, em 1548.

O humanista continuou a publicar as suas obras, como a *Urbis Olisiponis Descriptio*, dada ao prelo em Évora, em 1554, a *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel* (1566) e a *Crónica do Príncipe D. João* (1567).

Contudo, os adversários de Damião não desistiam. Em 1571 é apresentada nova denúncia contra o humanista, que leva a Inquisição a prendê-lo. É condenado como «herege, luterano, pertinaz e negativo» e encarcerado no Mosteiro da Batalha. Os seus bens são confiscados. O ilustre humanista morre em circunstâncias estranhas, a 30 de Janeiro de 1574. Muito provavelmente, foi assassinado.

O cosmopolitismo de *Damianus a Goes Lusitanus*, a receptividade às diferentes correntes de opinião, o gosto pela cultura e pelas artes, fizeram dele um representante da modernidade que o Humanismo preconizava. A sua condenação pelo Santo Ofício simbolizou a derrota deste espírito e o triunfo do integrismo teológico, num quadro marcado pela decadência do Império português, que redundará na perda da independência, em 1580.

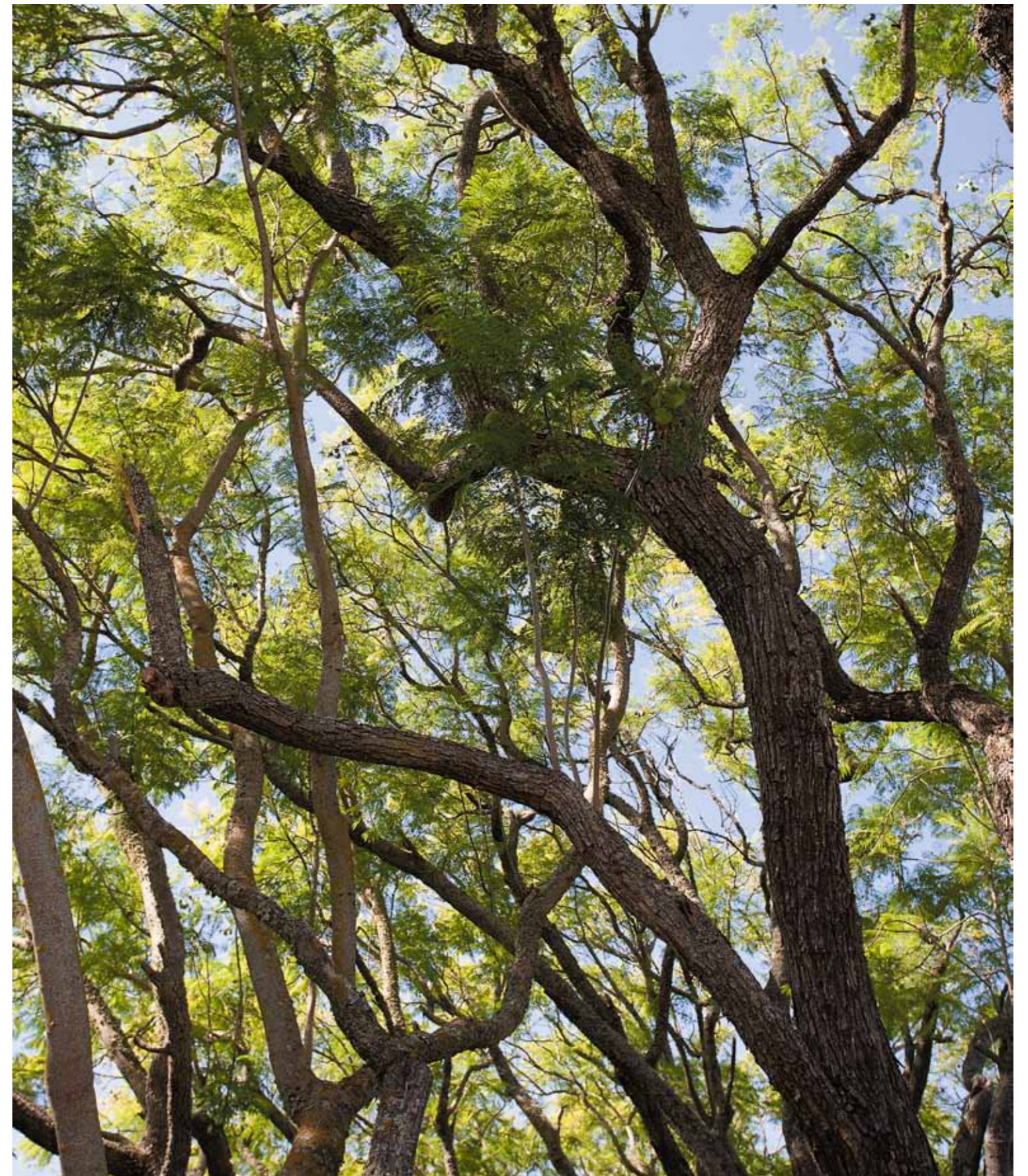
«Góis appears as a technically proficient, stylistically modern and aesthetically convincing composer, though he is not exceptional and has occasional weaknesses. His known work has some flaws, but when you think about it, what else could you expect? In every century, imperfection is a destiny that only a handful of artists manage to escape in music and in other areas of human culture. Damião de Góis does not stand out among the thousands of 16th century composers/singers but neither is he out of step with them. He was a complete musician who was respected and, judging from his motets, definitely deserved that respect.»^[14]

Damião de Góis returned to Portugal permanently in 1545. He introduced himself to the court of King D. João III in Évora in September of that year, hoping to obtain the position of teacher to Prince D. João. The Portuguese political and cultural situation had changed considerably in the meantime however; the Inquisition had been introduced and the court was influenced by a theological trend that was contrary to the positions taken by Erasmus. That same year, the Jesuit Simão Rodrigues denounced Damião de Góis to the Inquisition because of his relations with the thinker of Rotterdam, whose works were on the Inquisitorial list by then.

Being denounced to the Inquisition did not damage Damião de Góis's reputation, as proved by his appointment to the position of chief guard of the Torre do Tombo by royal licence in 1548. The humanist continued to publish his works such as *Urbis Olisiponis Descriptio*, published in Évora in 1554, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel* (1566) and *Crónica do Príncipe D. João* (1567).

Damião's adversaries did not give up however. In 1571, another complaint was made against him, which led to his arrest by the Inquisitors. He was convicted for being a «obstinate, negative, Lutheran heretic» and was imprisoned in the Batalha Monastery. His property was confiscated. The illustrious humanist died under strange circumstances on 30th January 1574. He was very probably murdered.

Damianus a Goes Lusitanus was cosmopolitan, receptive to different opinions, and had a love of culture and the arts, all of which made him a representative of the modernity expounded by humanism. His conviction by the Holy Office symbolised the defeat of this spirit of humanism and the triumph of theological fundamentalism, within a context marked by the decadence of the Portuguese Empire, which led to the loss of Portugal's independence in 1580.



Polifonia vínica

Wine Polyphony

Mais do que simples alimentos, o vinho, o pão e o azeite constituem verdadeiros traços identitários dos povos da bacia do Mediterrâneo. São signos distintivos de uma civilização, portadores de uma carga mítica que atravessa os séculos.

Sugestionado pela excelência do produto e atento às potencialidades da vitivinicultura no Alentejo, Henrique Granadeiro apostou num projeto de produção de vinhos de alta qualidade, centrado no Monte dos Perdigões.

«Entre no mundo do vinho há mais de 30 anos», recorda. «Na altura, envolvi-me profundamente na refundação da Fundação Eugénio de Almeida, que ficara devastada pelo furacão da reforma agrária colectivista iniciada com as ocupações de 1975.»

No plano estratégico que então estruturou para a Fundação, «o vinho destacava-se como um produto de forte potencial em Portugal e particularmente no Alentejo. Essa opção estratégica veio a ser consagrada pela notoriedade que os vinhos Cartuxa e Pêra-Manca atingiram no mercado interno e nos grandes mercados europeus, nas Américas, em África e no Oriente.»

Concluído este ciclo, o economista lançou-se no seu próprio projecto. «Trata-se de um negócio que conheço bem», reconhece. «Mas foi também uma opção natural, porque as condições de solos e clima conjugam-se na melhor opção que é o vinho. Plantar vinhas; conceber e construir uma adega diferente; criar vinhos de autor fortemente diferenciados, não é um negócio como outro qualquer. É um desafio que se intromete na nossa vida e conquista o nosso afecto.»

O cenário escolhido fazia prever bons resultados. «As condições edafo-climáticas da região de Reguengos são particularmente favoráveis à produção de uvas e de vinhos de grande qualidade», sublinha Henrique Granadeiro. «Antes ainda dos indiscutíveis casos de sucesso que são a Cooperativa Agrícola de Reguengos de Monsaraz (CARMIM) e o Esporão, muitos outros produtores se projectaram no primeiro plano da produção de grandes vinhos. O Tinto Velho de José de Sousa foi, e é, um dos grandes vinhos que fazem parte do património nacional de marcas de excelência.»

O cultivo da vinha no Monte dos Perdigões tinha sido retomado pelo anterior proprietário, o barão Sloet tot Everlo. Mas o

Wine, bread and olive oil are more than just foods – they are true aspects of the identity of the Mediterranean peoples. They are the distinctive signs of a civilisation, and have had a mythical influence throughout the centuries.

Prompted by the excellence of this product, and aware of the potential of winegrowing in the Alentejo, Henrique Granadeiro invested in a project for producing high quality wines based at Monte dos Perdigões.

«I went into the world of wine over 30 years ago», he remembers. «At the time, I was very involved in the refounding of the Fundação Eugénio de Almeida, which had been devastated by the whirlwind of the collectivist agrarian reform that began with the occupations of 1975.»

In the strategy he devised for the Fundação at that time, «wine stood out as a product with enormous potential in Portugal and in the Alentejo in particular. This strategic choice was established by the renown achieved by the Cartuxa and Pêra-Manca wines in the Portuguese market and the great European markets, in the Americas, Africa and the East.»

When this cycle had ended, the economist began his own project. «It's a business that I know well», he acknowledges. «But it was also a natural choice because the conditions of the soil and climate combined to make wine the best option. Planting vines, designing and building a unique winery and creating very distinctive signature wines is not a business like any other. It's a challenge which comes into our life and wins our affection.»

The results were bound to be good in such a setting. «The soil and climatic conditions of the Reguengos region are particularly favourable to the production of grapes and high quality wines», emphasises Henrique Granadeiro. «Many other producers were at the forefront of great wine production, even before the undeniable successes of the Cooperativa Agrícola de Reguengos de Monsaraz (CARMIM) and the Esporão wine. José de Sousa's Tinto Velho wine was and still is one of the great wine brands of excellence in our national heritage.»

The previous owner of Monte dos Perdigões, Baron Sloet tot Everlo, had resumed winegrowing there, but only 20 hectares of land were available. This led Henrique Granadeiro to buy

*«Plantar vinhas;
conceber e construir
uma adega diferente;
criar vinhos de
autor fortemente
diferenciados, não é
um negócio como outro
qualquer»*

*«Planting vines,
designing and building
a unique winery
and creating very
distinctive signature
wines is not a business
like any other»*



A região de Reguengos é favorável à produção de uvas e vinhos de grande qualidade
The Reguengos region is favourable to the production of grapes and high quality wines

terreno disponível não ultrapassava os 20 hectares, o que levou Henrique Granadeiro a comprar outras duas propriedades, a Herdade da Capela, contígua aos Perdigões, e a Herdade de Vale do Rico Homem, em São Manços. Com estas aquisições, a área de plantio de vinha aumentou para cerca de uma centena de hectares.

Para transformar a matéria-prima, procedeu-se à ampliação e modernização da adega já existente no Monte. Instalaram-se tanques em mármore alentejano, conhecidos pela sua elevada inércia térmica, cubas de inox com um rigoroso controlo de temperatura, balseiros, tonéis e cascos de carvalho francês. Foi ainda criado um laboratório e uma unidade de engarrafamento. Como resultado destes investimentos, em 2001 começou a produzir-se e a engarrafar-se vinho no Monte dos Perdigões, com a chancela da Granadeiro Vinhos.

Os vinhos dos Perdigões «tentam passar para o consumidor a mais fiel imagem das condições em que foram produzidos, que têm a ver com o clima, o solo e as castas aí plantadas, que são as tradicionais da região. A tecnologia utilizada na adega tenta valorizar a expressão dessas características no produto obtido», afirma o enólogo Pedro Baptista, que juntamente com a sua colega Margarida Vieira «desenha» os néctares da casa.

Segundo Pedro Baptista, a adega dos Perdigões «caracteriza-se por conjugar os métodos tradicionais com a tecnologia mais atual, sempre com o objetivo de respeitar a uva e potenciar a expressão das suas características». «A totalidade da uva é seleccionada por uma moderna mesa de escolha óptica, que escolhe os melhores bagos por análise de imagem, e todo o transporte de massas é efectuado por gravidade. São utilizados tradicionais lagares em mármore sendo a pisa assegurada por modernos e automáticos pisadores. A adega dispõe ainda de uma sala de barricas onde os vinhos estagiam em óptimas condições naturais.»

A primeira marca a ser comercializada pela Granadeiro foi a Tapada do Barão. Seguiram-se-lhe a Tapada do Fidalgo, Vale do Rico Homem, Poliphonia e Monte Damião.

Cada marca tem as suas características bem delineadas. Falar no Tapada do Barão é falar num vinho elegante e macio, obtido essencialmente com uvas do Monte dos Perdigões, das castas aragonês, trincadeira, *syrah*, *alicante bouschet* e *cabernet sauvignon*. O Tapada do Fidalgo, por seu turno, é apresentado como um vinho de perfil contemporâneo. Maduro, fresco, equilibrado, com boa estrutura e concentração, tem aromas balsâmicos, de cereja macerada e especiarias.



O vinho no Alentejo

Wine in the Alentejo

A produção de vinho tem um longo historial em terras alentejanas. Estima-se que tenha começado por volta do século VII a.C., pela mão dos fenícios. Mas foram os romanos quem incrementou decisivamente a cultura da videira, introduzindo novas variedades e melhorando as técnicas. O processo produtivo assentava então na pisa e na prensagem das uvas, sendo os mostos daí resultantes colocados em talhas de barro, impermeabilizadas com pez^[19], para fermentação e repouso.

O cristianismo reconheceu no vinho um carácter sagrado. Cristo disse: «Eu sou a videira e vós sois os ramos», e deu-o a beber aos discípulos na Última Ceia, como símbolo do Seu sangue. O vinho era necessário para o ritual da missa, razão pela qual a viticultura se desenvolveu nos campos em redor das igrejas e conventos.

Com a presença árabe, a produção vinícola diminuiu substancialmente, pois a religião islâmica condena o consumo de bebidas alcoólicas. Porém, logo que os cavaleiros da Reconquista expulsaram os muçulmanos, reatou-se a apetência pelo cultivo da vinha.

Nesta fase, as ordens religiosas tiveram um papel fundamental no ressurgimento da viticultura. Donos de um vasto património fundiário, os frades, entre duas orações, dedicavam-se ao plantio de vinhas e à vinificação dos respectivos frutos. Mas os grandes senhores, laicos e religiosos, tinham também os seus vinhedos, como recorda o historiador António Banha de Andrade:

«[...] em 1285, D. Dinis possuía vinhas no termo de Évora e uma outra na carreira de Juromenha. Em 1321 regista-se uma vinha do Bispo de Évora em riba de Enxarrama; uma segunda a que chamam de Fernan Pataya; uma terceira que fora do cozinheiro do Cabido, Pai Anes; outra à Carpendeira e mais uma que rendia 4 maravedis, por dia de S. Miguel.»^[20]

Abundantes disposições legais destinadas a proteger as vinhas, documentos e registos diversos, assim como algumas belíssimas iluminuras em livros da época, testemunham a importância que a viticultura assumiu na sociedade medieval. Sobre a protecção dispensada às vinhas escreve J. Duarte Amaral:

The Alentejo has a long history of winegrowing which is estimated to have begun with the Phoenicians around the 7th century BC, but it was the Romans who substantially increased winegrowing, introducing new varieties and improving techniques. The production process was based on the treading and pressing of grapes, the resulting musts being left to ferment and then stand in clay vessels, made watertight with pitch^[19].

Christianity recognised the sacred nature of wine. Christ said: «I am the vine and you are the branches», and gave wine to his disciples to drink at the Last Supper as a symbol of His blood. Wine was necessary for the ritual of the church mass, which was why winegrowing developed in the fields around churches and convents.

Wine production decreased considerably with the Arab presence because Islam condemns the drinking of alcohol, but the interest in growing vines returned as soon as the Muslims were expelled by the knights of the Re-conquest.

The religious orders played an essential role in the revival of winegrowing during this phase. The monks owned vast tracts of land, and used their time between prayers to plant vines and make wine from their fruit. The landed gentlemen included both laymen and clerics, and also had large vineyards, as recalled by the historian António Banha de Andrade:

«[...] in 1285, D. Dinis owned vineyards on the outskirts of Évora and another on the road to Juromenha. In 1321, there were records of a vineyard belonging to the Bishop of Évora above Enxarrama; a second at what they called Fernan Pataya; a third belonging to the cook of Cabido, Father Anes; another at Carpendeira and one more which earned 4 maravedi on S. Miguel's day.»^[20]

The many laws to protect vineyards, various documents and records and some lovely illuminated manuscripts in the books of the time bear witness to the importance of winegrowing in Medieval society. J. Duarte Amaral says this about the protection of the vineyards:



O Alentejo tem antiquíssimas tradições no cultivo da vinha
Winegrowing is an age old tradition in the Alentejo



A produção cresceu sensivelmente. No século XVII, exportava-se vinho para o imenso império português e para alguns países do norte europeu

Production increased significantly. In the 17th century, wine was exported to the great Portuguese empire and to some countries in Northern Europe

«O Alentejo do século XV possuía numerosas vinhas; num clima quente, a folhagem das videiras era sombra apetecida e nela “mouros e mours lá iam dormir pela calma, chegando a fazer lume nelas”, e também “antre vinhas” se jogava aos dados, como se afirma num documento de 1290... A Câmara de Évora impôs, em 1442, a multa de 20 “brancos” a quem dormisse em vinhas e com vinhas acendesse fogo. Esta “coima” era agravada para o dobro na segunda vez, e na terceira o prevaricador era desterrado.»^[21]

A Peste Negra, que atingiu Portugal nos meados do século XIV, provocou uma terrível mortandade, que levou à falta de braços para a agricultura. Diminuiu o cultivo de cereais, mas, em contrapartida, a área dedicada à vinha e ao olival aumentou. Este factor, aliado às medidas de protecção a que atrás aludimos, melhorou a qualidade dos vinhos. Os consumidores tornaram-se mais exigentes e já não bebiam tudo o que lhes punham à frente. Alfredo Saramago retrata assim as mudanças que por volta do século XVI ocorreram no sector vinícola:

«O gosto apurou-se, sendo já comum recusar ou preferir um determinado vinho. De forma a acompanhar esta exigência, encontraram-se novas castas para enxerto. Regiões como Borba, Monsaraz e Portalegre plantam vinhas novas que dão lugar a um vinho mais encorpado, que aguentava mais tempo sem azedar.»^[22]

A produção cresceu sensivelmente. No século XVII, exportava-se vinho para o imenso império português e para alguns países do norte europeu. Duarte Nunes do Leão, em 1610, garantia:

«Do vinho que nasce em Portugal nam sómente se pode abastecer o reino, por em todas partes delle haver muita vinhateria, mas delle se tira todolos anos para fora per mar grande quantidade para a Índia oriental, para a Mina, Brasil, reino de Angola, e outras partes de Guiné, e para as ilhas todas, dos Estados de Portugal, e para a Flandres, e outras províncias do norte, afora o que se gasta nas muitas armadas que cada anno saem deste reino para diversas partes do mundo, sem nunca por isso o reino ficar falto delle.»^[23]

O mesmo autor observava em relação ao vinho alentejano:

«Em Alentejo há os vinhos da cidade de Evora, de que sam mui estimados os de Peramanca em sabor e substancia: por os





II

Luís de Freitas Branco e o Monte dos Perdigões

Luís de Freitas Branco and Monte dos Perdigões



Num texto de homenagem a Bento de Jesus Caraça, escrito por Luís de Freitas Branco em 1950, diz-nos o autor, citando o homenageado: «Quem vai ao Alentejo fica marcado». A máxima poder-se-ia aplicar a ele próprio, Luís de Freitas Branco, compositor e figura cimeira da cultura portuguesa da primeira metade do séc. XX, nascido em Lisboa em 1890 e falecido na mesma cidade em 1955.

De facto, as suas vivências dessa área específica do nosso país, que tanto e de tantas maneiras influenciaram a sua actividade, o seu pensamento, o seu perfil artístico e ideológico, centram-se numa propriedade específica, localizada na região de Reguengos de Monsaraz: o Monte dos Perdigões.

Essa propriedade terá pertencido a Frutuoso de Góis^[1], meio-irmão de Damião de Góis, antepassado longínquo de Freitas Branco pelo lado materno; aliás, Luís de Freitas Branco nutria um interesse especial por esta importante figura da cultura portuguesa do séc. XVI, o que manifestou desde cedo num dos primeiros documentos em que o seu pendor musicológico se torna evidente, uma carta de Julho de 1906 ao tio João de Freitas Branco:

In a homage to Bento de Jesus Caraça, written by Luís de Freitas Branco in 1950, the author quotes him as saying that: «People who go to the Alentejo are marked forever». This maxim could also be applied to the author himself. Composer and important figure in Portuguese culture during the first half of the 20th century, Luis de Freitas Branco was born in Lisbon and died there in 1955.

His experiences in this particular area of our country, which so greatly influenced his activity, thoughts, and artistic and ideological profile in many ways, actually took place at a specific property located in the region of Reguengos de Monsaraz: Monte dos Perdigões.

This property belonged to Frutuoso de Góis^[1], half brother of Damião de Góis, a distant ancestor of Freitas Branco on his mother's side; indeed Luís de Freitas Branco had a special interest in this important 16th century figure in Portuguese culture, that he revealed very early on in a letter from July 1906 to his uncle João de Freitas Branco in which he expressed his musical inclination:

«Estou há muito tempo a pensar se o nosso Damião de Góis não teria deixado alguma crítica. É ridícula esta suposição, mas reunindo esse homem a dupla qualidade de escritor e músico, era possível que ele tivesse escrito alguma coisa que se referisse aos seus contemporâneos [...] e que elucidaria os actuais músicos da educação que então se recebia em Portugal [...]»^[2]

«I have wondered for a long time whether our Damião de Góis might have left some musical reviews. It is ridiculous to assume he did, but as he combined the dual qualities of both writer and musician, it might be possible that he wrote something about his contemporaries [...] that would show current musicians the kind of education people received in Portugal at that time [...]»^[2]

Muitos anos mais tarde, a proximidade com esse seu antepassado continua a manifestar-se, em reflexões confiadas ao seu Diário inédito sobre as relações de Damião de Góis com Erasmo e vários dos seus contemporâneos, nomeadamente no que concerne ao livre pensamento que Freitas Branco vê nessas personalidades.

Mas regressemos ao Monte dos Perdigões. Maria da Costa de Sousa de Macedo, mãe de Luís de Freitas Branco, herdou a propriedade, juntamente com o seu marido, Dr. Fidélio de Freitas Branco, em 1893^[3], na sequência do processo de partilhas a que se procedeu por óbito de seu tio, D. António da Costa de Sousa de Macedo. Através de nova escritura de partilhas, outorgada a 16 de Julho de 1919, e realizada na sequência da morte de Fidélio de Freitas Branco^[4] (em 1918), o compositor e a sua irmã Maria Cândida de Freitas Branco^[5] herdaram, por seu turno, a propriedade de Reguengos; há indícios de que o seu tio João Carlos Vila Franca, médico-cirurgião e melómano que vivia na Rua Anchieta, em Lisboa, terá tido um papel determinante nesse processo de sucessão^[6], como se poderá depreender da leitura de uma passagem da correspondência do compositor com a referida irmã, religiosa da Ordem das Carmelitas Descalças: «[...] a propósito de agradecimentos, não é a mim que deves o ter ficado com os Perdigões, senão o Tio João eu o mais que podia era fazer uma escritura comprometendo-me a vender só a ti ou aos teus herdeiros, mas o Tio facilitou tudo. [...]»^[7] De facto, em 1929, Luís de Freitas Branco comprou a Maria Cândida a sua metade da propriedade, comprometendo-se a saldar a dívida que assim contraíra junto dela até à data de 20 de Agosto de 1944^[8]. Independentemente disso, Maria da Costa de Sousa de Macedo continuou a usufruir, até à data da sua morte, em 1950, dos proventos da propriedade, que o seu filho escrupulosamente lhe fazia chegar todos os anos.

Luís de Freitas Branco frequentou a região de Reguengos anualmente, e durante largas temporadas, desde o início do séc. XX até ao final da sua vida, «apenas com excepção de três

Many years later, he continued to show how close he was to this ancestor in the reflections he wrote in his unpublished journal about the relationship between Damião de Góis and Erasmus and various other contemporaries, focusing particularly on the free thinking that Freitas Branco recognised in their personalities.

Let us go back to Monte dos Perdigões. Maria da Costa de Sousa de Macedo, the mother of Luís de Freitas Branco, inherited the property with her husband Dr Fidélio de Freitas Branco in 1893^[3], when the estate was distributed after the death of her uncle, António da Costa de Sousa de Macedo.

A new deed for the distribution of the estate was drawn up on 16th July 1919, following the death of Fidélio de Freitas Branco^[4] (in 1918), with the composer and his sister Maria Cândida de Freitas Branco^[5] inheriting Reguengos in their turn. There are signs that their uncle João Carlos Vila Franca, a surgeon and music lover who lived in Rua Anchieta in Lisbon, had played a vital role in the process of their succession to the property^[6], as can be seen in a passage from the composer's correspondence with this sister, who was a nun with the Ordem das Carmelitas Descalças (Order of the Barefoot Carmelites): «[...] talking about thanks, I'm not the person you should be thanking for getting Perdigões, but rather Uncle João – the most I was able to do was sign a deed committing myself only to sell to you or your heirs, but Uncle facilitated everything. [...]»^[7]. Indeed, in 1929, Luís de Freitas Branco bought out Maria Cândida's half of the property, and committed himself to paying off his debt to her by 20th August 1944^[8]. Independently of this situation, until her death in 1950, Maria da Costa de Sousa de Macedo continued to benefit from the proceeds of the property which her son sent to her diligently every year.

Luís de Freitas Branco went to the Reguengos region every year for extended periods from the beginning of the 20th century until the end of his life «except for just three or four years»^[9]. Important facets of his life, like his intense artistic activities (involving both musical and literary work) and equally intense



ou quatro anos»^[9]. Importantes facetas da sua vida, como uma intensa actividade criativa (tanto em termos de obras musicais como literárias), uma não menos intensa actividade pedagógica, uma incessante curiosidade musicológica, um interesse constante por questões histórico-políticas e ideológicas, mas também um são contacto com a natureza e com as diversas actividades da vida agrícola, bem como algumas componentes essenciais da sua vida pessoal, tiveram o Monte dos Perdigões como pano de fundo. Podemos sem exagero afirmar que as vivências neste espaço geográfico espelham e reflectem a forte ligação afectiva de Luís de Freitas Branco ao Alentejo e, consequentemente, uma importante faceta da sua relação com o seu próprio país.

teaching activities, his enduring fascination with music, abiding interest in historical-political and ideological issues, alongside his healthy contact with nature and the different farm work activities – and some important events in his personal life – took place against the backdrop of Monte dos Perdigões. It would be no exaggeration to say that his experiences in this geographical space mirror and reflect Luís de Freitas Branco's strong emotional connection with the Alentejo and were therefore an important aspect of his relationship with his homeland.

The land inherited by Maria da Costa de Sousa de Macedo and her husband Dr. Fidélio de Freitas Branco included a large group of country buildings in the municipality of Reguengos,



Maria Helena de Freitas no jardim do Monte dos Perdigões (poente), em Maio de 1952
 Maria Helena de Freitas in the garden of Monte dos Perdigões (west), in May 1952

As terras que couberam em partilhas a Maria da Costa de Sousa de Macedo e ao seu marido, o Doutor Fidélio de Freitas Branco, compreendiam um conjunto alargado de prédios rústicos no concelho de Reguengos, aos quais encontramos alusões diferenciadas na documentação do compositor ao longo de toda a sua vida, como se verá adiante. Tratava-se de:

«[...] na freguesia de Nossa Senhora da Caridade as herdades do “Perdigão” e do “Perdiganita”, hoje reunidas, e como tais igualmente conhecidas pela denominação genérica de herdade dos “Perdigões”, e uma horta denominada “do Pomar”, contígua à herdade do Perdiganita; na freguesia de São Marcos do Campo as herdades denominadas da “capelinha”, do “Sismeirinho” e da “Sequeira”, com a courela associada a esta última e também denominada da “Sequeira”; na freguesia de Santa Maria da Lagoa de Monsaraz, a herdade denominada do “Bragel”; e finalmente na freguesia de São Tiago de Monsaraz uma courela junto ao poço da Barrada, denominada o “Bragelinho” e pertença da dita herdade do Bragel [...]»^[10]

Mas como era a herdade dos Perdigões nesse tempo? Compunha-se, segundo a certidão de registo predial de 1893, de:

«[...] terra de semear, monte com casas térreas de habitação e lavoura, água nativa, algum montado de azinho e olival e uma horta denominada do “Pomar” [...], que se compõe de horta algumas árvores de fruta de espinho e caroço, poço com seu tanque, monte com casas térreas, algumas oliveiras e terra de semear. [...]»^[11]

Várias indicações emergem da correspondência infantil do compositor, na viragem do séc. XIX para o séc. XX, através das quais podemos reconstituir parcialmente o ambiente que rodeava a casa de habitação, porventura o elemento mais constante da propriedade ao longo do tempo. A primeira dessas indicações refere-se a um «lago com peixes de todas as cores, que não é de todo perigoso» [tradução minha], ao qual o jovem de nove anos alude numa carta em francês endereçada à sua avó^[12]. O «poço» é referido por Fidélio de Freitas Branco, pai do compositor, numa carta ao filho em que faz a relação de vários animais que habitam no monte, entre a burra e a sua filha Palhaça, a égua nova, os cães e os gatos...^[13] A «vinha» aparece pela primeira vez num relato do próprio Luís de Freitas Branco, datado de 8 de Maio de 1902^[14], a que voltaremos



Luís de Freitas Branco a cavalo no pátio, 1942
 Luís de Freitas Branco on horseback on the patio, 1942

which are mentioned in different ways in the composer's documents throughout his life, as will be seen below. These buildings were:

«[...] The “Perdigão” and “Perdiganita” estates, which form one property today and are thus known as the “Perdigões” estate, and a garden called the “Pomar” adjoining the Perdiganita estate in the parish of Nossa Senhora da Caridade; the estates called “Capelinha”, “Sismeirinho” and “Sequeira”, the strip of land being connected to the “Sequeira” estate and also called the “Sequeira” in the parish of São Marcos do Campo; the estate called “Bragel” in the parish of Santa Maria da Lagoa de Monsaraz; and finally a strip of land near the Barrada well called the “Bragelinho”, belonging to the aforementioned Bragel estate in the parish of São Tiago de Monsaraz [...]»^[10]

What was Monte dos Perdigões like at that time? According to the land register of 1893, it consisted of:

tio, do ponto de vista do trabalho intelectual, a ponto de o fazer lamentar nesta altura o tempo despendido em passeios a cavalo e caçadas, de que tanto gostava!

Noutra carta, encontramos novos elementos relativos à formação do jovem compositor, assumidamente orientada à distância pelo tio dramaturgo; trata-se aqui de uma passagem de especial relevância, considerando que João de Freitas Branco, que tivera contacto com as obras de Wagner na Ópera Imperial de Viena, foi um wagneriano militante pela mão do qual entraram em Portugal as primeiras partituras do mestre de Bayreuth:

«[...] Cá [no Monte dos Perdigões] recebi ontem, pelo meu Pai, os dois tomos, von den berühmten “Gesammelten Schriften” Wagners, das ich so sehrzulesen [sic] wünschte^[39]. Pode calcular o alegrão que tive ao poder enfim inteirar-me do conteúdo dos célebres artigos tão importantes na história da “Kunste [sic] der töne”^[40] e que tão violenta polémica suscitaram em tempos idos. Também me alegrou muito a ideia de que o Tio, no meio dos seus trabalhos e numa quadra do ano especialmente penosa para autores dramáticos, se lembra de cuidar da instrução e cultura estética deste discípulo que cá de longe se esforça por imitá-lo. Já hoje e na noite de ontem devorei com avidéz os quatro primeiros capítulos [...] Tenho estudado regularmente duas horas de estudos de “doigté”^[41] e escalas no piano além das horas que passo diariamente a tocar. Tenho já na gaveta um respeitável monte de exercícios, fugas e imitações que tenho feito desde que cá estou. Trabalho com entusiasmo no meu Trio e não tenho horas de ócio absoluto senão a dormir e mesmo assim deito-me à uma e faço o milagre de me levantar às oito. [...] Tenho lido alemão à noite [...]»^[42]

Por fim, leiamos a descrição que Freitas Branco faz do seu espaço de trabalho no Monte, logo após uma sua chegada à propriedade, e deixemo-nos transportar à cena onde seguramente boa parte da sua evolução estética, cultural e artística se desenrolou. Ao ler os projectos de obras musicais por ele enumerados nesta passagem, facilmente sentimos o fervilhar de ideias, o despontar de uma verdadeira ânsia criativa que o quadro em questão favorece...

«[...] Cá cheguei há dois dias [ao Monte dos Perdigões], e pela demora que houve em extrair das malas a minha ferramenta



Em primeiro plano: Fernando Ramos (primo de Maria Helena de Freitas), prima Camila (mãe de Fernando Ramos), Nuno Barreiros, Maria Helena de Freitas, Luís de Freitas Branco e o cão Rabião, no «1.º dia de ceifas» nos Perdigões, a 24 de Maio de 1952; em segundo plano, um grupo de ceifeiros

At the front: Fernando Ramos (cousin of Maria Helena de Freitas), cousin Camila (mother of Fernando Ramos), Nuno Barreiros, Maria Helena de Freitas, Luís de Freitas Branco and the dog Rabião, on the «1st day of the harvest» at Perdigões, on 24th May 1952; behind are a group of harvesters

Como vimos, boa parte da formação do próprio Freitas Branco fora adquirida (actualizando-se constantemente ao longo dos tempos) no espaço privilegiado de calma e reflexão que o Monte dos Perdigões representava para ele. Com a generosidade que o caracterizava, não é de estranhar que, assumindo por seu turno o papel de mestre e mentor de um grupo de jovens discípulos cuja formação – como a sua – era no mínimo pouco convencional, Freitas Branco lhes tenha querido proporcionar o mesmo ambiente em que florescia a sua criatividade e se nutria a vertente reflexiva e intelectual da sua natureza. Assim, faz sentido falar de uma academia informal, centrada no Monte dos Perdigões, em que Luís de Freitas Branco transmitia conhecimentos musicais e outros aos seus seguidores, recorrendo à sua vasta cultura geral e às suas constantes leituras, o que era proporcionado pelas condições materiais de que dispunha para acolher os seus jovens interlocutores (já vimos a importância que assumiam o piano e a biblioteca do compositor nessas reuniões). «[...] O querido mestre gostava de juntar à mesa – no mais amplo sentido da palavra – amigos e discípulos, um pouco à maneira antiga, tal como os génios da antiga Grécia [...] Mas quando não aconteciam em Paço de Arcos, esses encontros privilegiados faziam-se em Reguengos de Monsaraz, no Monte dos Perdigões, de que Freitas Branco era proprietário. Memoráveis serões, que duravam até às cinco da manhã.»^[103]

Como surgiu afinal essa «academia» no Monte? Vimos que, em 1941-42, os Perdigões passaram a ser considerados por Luís de Freitas Branco como o centro da sua vida afectiva, e que por isso as temporadas nele despendidas se tornaram particularmente longas (por vezes de seis meses), sendo complementadas com estadias em Paço de Arcos quando era necessário – por motivos profissionais ou outros – permanecer na região de Lisboa. Joly Braga Santos, «filho espiritual» de Freitas Branco, privou com este último desde essa época; após um período inicial de aprendizagem no Conservatório de Lisboa, no início da década de 1940, passou a receber lições particulares gratuitas do Mestre^[104], que o acolhia semanalmente em Paço de Arcos^[105] e, bem entendido, durante longas temporadas no Monte dos Perdigões. Importa registar um episódio que nos relata João de Freitas Branco a este respeito:

«[...] O caso ocorreu no concerto em que o director da escola [Ivo Cruz, manifesto opositor de Luís de Freitas Branco]

owned by Freitas Branco. Memorable evening parties which went on until five in the morning.»^[103]

How did this «academy» appear at the Monte? We have seen that between 1941 and 1942, Perdigões began to be considered by Luís de Freitas Branco to be the centre of his emotional life and for that reason the periods he spent there grew increasingly long (sometimes six months) and were complemented by stays in Paço de Arcos when he had to be in the Lisbon area for professional and other reasons. Joly Braga Santos, the «spiritual son» of Freitas Branco, had private lessons with him from that time. He had had an initial period of training at the Lisbon Conservatory at the beginning of the 1940s, and then began to have unpaid private lessons with the Master^[104], staying with him once a week in Paço de Arcos^[105] and of course at Monte dos Perdigões for longer periods. I should mention an episode described by João de Freitas Branco:

«[...] This incident occurred at the concert where the director of the school (Ivo Cruz, a fierce opponent of Luís de Freitas Branco) warned JBS (Joly Braga Santos) that he would have to get up from his chair to greet him. The response was explosive, and Joly Braga Santos said in these or so many words that he refused to show him this gesture of respect because a persecutor of his master did not deserve it. [...] Then rejecting the punishment meted out by the director, he was unable to continue the course.

He never did finish it. He preferred the continuity of his private lessons, which turned into long social visits at the home of his teacher and friend, including Monte dos Perdigões, [...]. Informal lessons which benefited all who were present – they were like conversations which began with music and then digressed into various directions, ranging from literature to politics. [...]»^[106]

José Atalaya has recounted how his meetings with Luís de Freitas Branco began and how he arrived at Monte dos Perdigões. Impressed with the 1st Symphony of Joly Braga Santos^[107], which he heard on the radio in June 1947, he sought out Luís de Freitas Branco (the former's teacher), whom he was also used to hearing on the Emissora Nacional every Wednesday at 21:30 during its year of broadcasts dedicated to Richard Wagner. Though he was attending the 2nd year of the course in Electronic Engineering at the Instituto Superior Técnico



Maria Helena de Freitas e Luís de Freitas Branco
Maria Helena de Freitas and Luís de Freitas Branco.



Luís de Freitas Branco no Monte dos Perdigões, em Setembro de 1930

Luís de Freitas Branco at Monte dos Perdigões, in September 1930

advertiu JBS [Joly Braga Santos] de que tinha que se levantar da cadeira para o cumprimentar. Explosiva, a resposta foi, por estas ou sinónimas palavras, que se recusava ao gesto de respeito, porque nenhum lhe merecia um perseguidor do seu mestre. [...] Depois, repudiando o castigo que o director lhe aplicou, não pôde continuar o curso.

Nunca chegou a terminá-lo. A este preferiu a continuidade das lições privadas, que se foram tornando longos convívios em casa do professor e amigo, inclusive no Monte dos Perdigões, [...]. Lições informais, de que beneficiavam todos os circunstantes, elas assumiam o aspecto de conversas que, partindo da música, irradiavam em direcções várias, desde a literatura à política. [...]»^[106]

O início da convivência de José Atalaya com Luís de Freitas Branco e a sua chegada ao Monte dos Perdigões são-nos contados pelo próprio. Impressionado com a 1.ª Sinfonia de Joly Braga Santos^[107], que ouvira pela rádio em Junho de 1947, procurou Luís de Freitas Branco (professor do primeiro), que estava habituado a ouvir também através da Emissora Nacional, todas as 4.ªs feiras pelas 21h30, durante o ano de emissões que este consagrou à figura de Richard Wagner. Apesar de se encontrar a frequentar então o 2.º ano do curso de Engenharia Electrotécnica no Instituto Superior Técnico, aos 19 anos, Atalaya perguntou a Freitas Branco se, na sua opinião, ainda poderia tornar-se um «grande sinfonista» como Joly Braga Santos; cantou então temas vários das Sinfonias de Beethoven para atestar os seus parcos, mas apaixonados, conhecimentos musicais. Em resposta, Freitas Branco ter-lhe-á proposto recebê-lo na sua casa de Paço de Arcos, oferecendo-lhe lições gratuitas^[108]. O segundo encontro acabou por não ocorrer nessa casa, mas sim no Monte dos Perdigões, como relata Atalaya:

«Chegado à estação de Reguengos de Monsaraz, no Alentejo, à procura de Luiz de Freitas Branco – que não voltara a ver depois do nosso primeiro encontro na Emissora – a minha primeira preocupação foi a de saber como conseguiria alcançar o tal Monte dos Perdigões. Onde o professor – que me prometera lições gratuitas (tinha que cumprir, se tinha!) – se refugiara. Da sua outra casa, em Paço d’Arcos, ninguém respondia. E foi o próprio filho (João de Freitas Branco) quem me atendeu ao telefone [...]. E quem me tranquilizara com a máxima cortesia, como sempre, assegurando-me, o João, que ouvira seu Pai falar de mim, do nosso primeiro encontro –

at the time, the 19 year old Atalaya asked Freitas Branco if he thought he could become a «great symphonist» like Joly Braga Santos; and he sang various themes of Beethoven's Symphonies to show his sparse but passionate knowledge of music. The response of Freitas Branco was to invite him to his home in Paço de Arcos and to offer him free lessons^[108]. The second meeting was not to be at this house in fact but in Monte dos Perdigões, as Atalaya recounts:

«Arriving at the station of Reguengos de Monsaraz, in the Alentejo, in search of Luiz de Freitas Branco – who I had not seen again since our first meeting at the Emissora – my first concern was to find out how to get to that Monte dos Perdigões. It was where the teacher – who had promised me free lessons (and he had to do it!) – had taken refuge. No one answered at his other house in Paço d’Arcos, and it was his son himself (João de Freitas Branco) who spoke to me on the telephone [...] and reassured me with the maximum of courtesy as always, telling me that he had heard his father talk about me and about our first meeting which had given him such a good impression! It was this that spurred me on to go in search of him in Reguengos by train.

I asked how how I would get to the monte, once I had arrived at the station.

There was certainly no bus service to such an isolated wilderness.

I did not know then [...] as I sat with a blanket thrown across my knees because of the cold that... monte in that dry, bitter and sad flat terrain (that my bourgeois Lisbon eyes watched pass by during the journey) did not mean a wolves’ lair in a windy place. It was just a house.

The man at the ticket office told me half smiling (I say half, because there was a bit of irony in the smile as he attended the fool who had come from so far away with his fine accent) that the only way was by taxi. But, then, the other half of the smile (there is always a good side) [sic] on seeing my despair, the ticket seller told me – “Go quickly to that coachman, he’ll take you there!”

The coachman, attentive, got ready and asserted – “I’m the coachman of senhor dom Luís, I’ll take you there, jump up here!”

And off we went, the two of us, at full speed up to the monte, which wasn’t a monte but was a house, an enormous HOUSE AND A HALF – “Monte dos Perdigões”.

que lhe causara muito boa impressão! O que me animou a ir procurá-lo de comboio em Reguengos.

Chegado à estação, como ia dizendo, como alcançar o tal “Monte”?

Não haveria certamente carreira de autocarro para um ermo isolado.

Eu ainda não sabia [...] ainda de manta a tiracolo, por causa do frio, que... “monte” naquela árida planície azeda e triste (que vira desfilar durante a viagem, olhos de lisboeta aburguesado) não era sítio de lobos em local ventoso. Era apenas uma casa.

O homem da bilheteira lá me foi dizendo meio sorridente (meio, porque havia um travo de ironia ao atender aquele pacóvio vindo de longe e de pronúncia fina): só de táxi. Mas, vá lá, o outro meio sorriso (há sempre um lado bom) [sic] o bilheteiro ao ver-me aflito aconselhou-me – “Vá ter depressa com aquele cocheiro, ele leva-o lá!”

O cocheiro, atendedor, prontificou-se, definitivo – “eu sou o cocheiro do senhor dom Luís, levo-o lá, salte cá para cima!” E lá partimos os dois à desfilada. Até ao tal monte, que não era monte mas casa, um CASÃO enorme, o tal “Monte dos Perdígões”.

Qual foi a primeira reacção do pai do João, surpreendido, naquela manhã de Janeiro? Freitas Branco devia ainda estar deitado? Contou-me mais tarde o João que o telefone soou nesse mesmo dia só para lhe relatar essa segunda surpresa provocada pelo tal estudante de engenharia, que gostaria de vir a ser compositor se ainda fosse a tempo. Sem ter estudado a sério. [...]»^[109]

Aparentemente, as bases da instrução musical que Luís de Freitas Branco prodigalizou ao nosso narrador, procurando decerto recuperar o tempo de formação musical de que Atalaya não dispusera no passado, foram imediatamente pousadas:

«[...] Luíz de Freitas Branco começou por me prevenir: “Nos Conservatórios, ainda hoje, antes de se ensinar o Contraponto e a Composição, o aluno pode ser obrigado a estudar quatro anos de Harmonia, mas o José Maria vai começar já pelo contraponto!” [...]

Ele mostrou-me, então, sentado ao piano, o que eram acordes impressionistas. Os tais que contrariavam muito certas regras

What was the first reaction of João's father, surprised as he was that January morning? Freitas Branco would have still been in bed, wouldn't he? João told me later that the telephone rang that same day just to tell him about the second surprise caused by that engineering student, who wanted to become a composer if there was still time – without having studied seriously before. [...]»^[109]

Apparently, Luís de Freitas Branco began our narrator's basic musical training immediately, certain that he would be able to make up for the lack of time available for Atalaya's musical education in the past:

«[...] Luíz de Freitas Branco began by telling me: “At the Conservatories, even today, before being taught Counterpoint and Composition, the pupil may be obliged to study four years of Harmony, but you'll already begin with counterpoint!” [...] Then he showed me what impressionist chords were, while sitting at the piano – the chords that really challenged many of the basic rules from the times of Bach, Mozart and Beethoven. [below are reflections on the symphonic poem Vathek, composed by Freitas Branco between 1913 and 1914] My great admiration for the Master was awakened there and continued for the rest of my life! The explanation was given to me at his immense grand piano, which stretched out happily, and taking it all in I heard him say:

– Take this copy of my work on harmony. It's recent – from 1947. Read it, you're bound to understand its essence because you're a university student. You can't do exercises because we'll begin with counterpoint ones. Notice, the harmony is moved, is studied and in four different real parts. In this variation of “Vathek”, I put in ... over 50 real parts! Imagine what this does to each string section – violins, violas, cellos, double basses? Isn't each section used to playing in one single voice? [...]

I also remember that I slept very badly that night. Or I didn't sleep at all. I was socialising with a musical genius.»^[110]

Also judging by the statement made by José Atalaya, a short time later Nuno Barreiros joined the group^[111]. He was an «intellectual disciple»^[112], if not a musical disciple of the composer, who, like the others, was greatly influenced by him.

básicas dos tempos de Bach, Mozart, Beethoven. [seguem-se reflexões sobre o poema sinfónico Vathek, que Freitas Branco compusera em 1913-14]

A minha admiração pelo Mestre relampejou ali, fortíssima. E para o resto da vida! A explicação foi-me dada junto ao seu imenso piano de cauda que se estendia feliz, repimpado, ao ouvi-lo dizer:

– Leva este exemplar do meu tratado de harmonia. É recente, de 1947. Vai lendo-o, tens obrigação de o entender na essência porque és estudante universitário. Não podes fazer exercícios porque começaremos pelos de contraponto. Repara, a harmonia move-se, estuda-se, a quatro partes reais, diferentes. Nessa terceira variação do “Vathek” eu impus... mais de 50 partes reais! Imaginas o que isso provoca em cada naipe de cordas – violinos, violas, violoncelos, contrabaixos? Habitados a tocar, cada naipe, a uma só voz? [...]

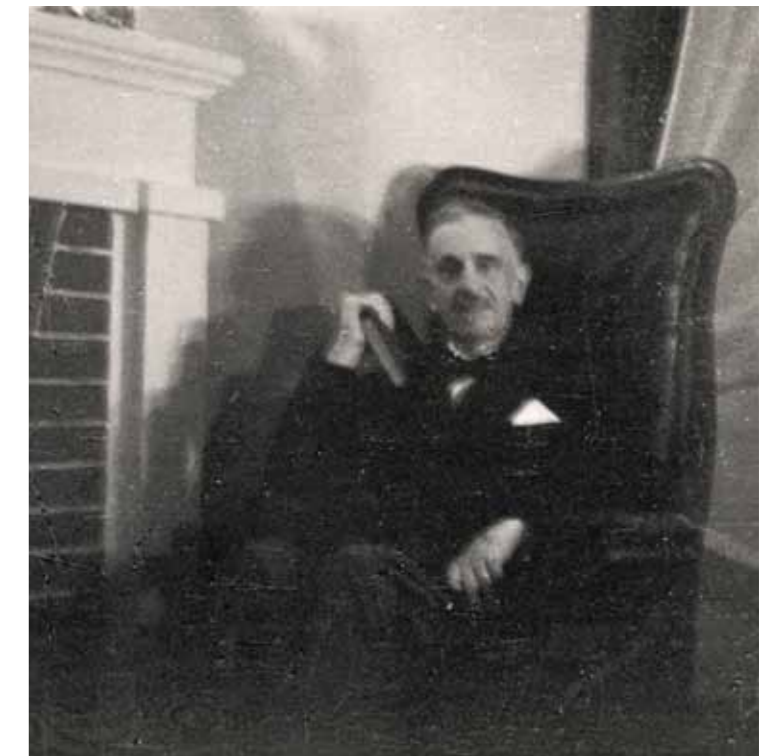
Recordo ainda que, nessa noite, dormi bastante mal. Ou não dormi.

Estava a conviver com um génio da Música.»^[110]

Ainda a julgar pelo testemunho de José Atalaya, pouco tempo depois juntava-se ao grupo Nuno Barreiros^[111], «discípulo intelectual»^[112], senão musical, do compositor, que como os outros foi profundamente marcado pela influência deste último.

O clima intelectual que reinava no Monte é bem definido pelo próprio Luís de Freitas Branco, quando diz a Pedro do Prado: «[...] tem-se feito aqui muita música, muita literatura e bastante filosofia [...]»^[113], referindo de seguida autores e temas tão variados como Goethe, Camões, a «a atitude objectiva» e o Quarteto de cordas em lá menor de Beethoven...

José Atalaya relembra as «conversas intermináveis» em torno de Beethoven e Wagner, bem como as horas passadas ao piano, numa abordagem de obras várias interpretadas pelo próprio Freitas Branco e Maria Helena de Freitas. De um ponto de vista mais pessoal, recorda reflexões ressentidas do Mestre a propósito do seu percurso profissional, nomeadamente no que concerne ao seu afastamento do Conservatório Nacional, e ainda o questionamento de que era alvo, por parte dos discípulos, a



Luís de Freitas Branco junto à lareira da sala na casa do Monte dos Perdígões, no início da década de 1950

Luís de Freitas Branco at the fireplace in the living room of the house of Monte dos Perdígões, in the early 1950s

The intellectual atmosphere which prevailed at the Monte was described well by Luís de Freitas Branco himself, when he told Pedro do Prado that: «[...] a great deal of music, a lot of literature and quite a bit of philosophy has been made here [...]»^[113], and then mentioned varied authors and themes such as Goethe, Camões, the «objective attitude» and Beethoven's string quartet in A minor...

José Atalaya recalled the «interminable conversations» about Beethoven and Wagner, and the hours spent at the piano, studying various works interpreted by Freitas Branco himself and by Maria Helena de Freitas. In a more personal vein, he remembered the resentment of the Master when talking about his professional path, particularly about having to leave the National Conservatory, and also the way his disciples questioned him about the Portuguese and foreign composers who he knew personally^[114]. Of course, Luís de Freitas Branco also extensively discussed his own works and aesthetic ideas... Joly Braga Santos gives us various other indications about life

que efectuou grandes passeios a cavalo na companhia do pai. Deambulações que chegavam a ser de centenas de quilómetros, estendendo-se por terras de Espanha e ocupando vários dias. (Aliás, a própria viagem Lisboa-Reguengos era feita a cavalo, durante 4 dias, de modo a não sujeitar os sensíveis animais à tortura do comboio). Nesse ambiente de serenidade bucólica e de isolamento, ambiente propício à meditação, desenrolavam-se extensas conversas entre pai e filho que de profundíssimo modo marcaram toda a formação intelectual e moral de João de Freitas Branco. Causa exógena de um ainda oculto alicerce neural.»^[136]

O seguimento do mesmo texto revela-nos um interessante aspecto comportamental, característico de Luís de Freitas Branco e revelador da sua personalidade, do seu *modus operandi* mental, das suas preferências literárias, da sua vida e expressão afectiva...

«Contava o filho que, nessas conversas equestres, momentos havia em que seu pai não concluída a frase que estava a pronunciar e remetia-se a prolongado silêncio, parecendo alhear-se do tema. O filho, algo cerimoniosamente, acatava a quietude. Deixava ao progenitor a iniciativa de quebrar o emudecimento, assumindo atitude respeitosa. Mas passados alguns quartos de hora, ou até mesmo mais de uma hora, o pai retomava a frase exactamente no ponto onde a tinha interrompido, concluindo assim a ideia que tinha em mente. Parecia uma espécie de pausa inserida na partitura do raciocínio. E aqui, a pausa, o silêncio, tinha, ao que parece, tanta relevância na elaboração do pensar como paradoxalmente o tem na criatividade da arte dos sons. Se o discurso oral, constitutivo do diálogo com um interlocutor, tinha sido interrompido, a reflexão, o pensar, esse diálogo interior de que falava Platão, não deixara de se operar. E a pausa, a cultura do silêncio, estava ao seu serviço.

A nítida relevância que a forma diálogo teve na produção literária de João de Freitas Branco guarda por certo alguma relação com estas vivências coloquiais da juventude. Mas enganam-se os que supuserem ter sido a música o tema central dessa tão enriquecedora conversação. Falavam dos mais variados assuntos. Alguns autores eram frequentemente chamados à colação: Cervantes e o seu Quijote – esse magnífico conversador equestre –, Camões, Schakespeare [sic], Dante,



A casa do Monte dos Perdigões vista do poente, Maio de 1952
The house of Monte dos Perdigões seen from the west, May 1952

Virgílio, Nietzsche [sic], os grandes pensadores gregos e, talvez acima de todos, Goethe. Quando alcançavam um ponto elevado, de onde se podia desfrutar a vista de uma extensa paisagem, o pai Luís gostava de recitar, de cor e em voz bem alta, fazendo uso do idioma original que ambos dominavam, os seguintes versos do Fausto:

Hier ist die Aussicht frei,
Der Geist erhoben.
[A vista é livre aqui,
O espírito elevado.]

Ao cabo de contas, os diálogos entre pai e filho tinham o goetheano objectivo de lograr essa elevação propiciadora de clarividência.»^[137]

Através do Diário inédito de Luís de Freitas Branco, escrito entre 1930 e 1947, podemos retrair muitos dos passeios a cavalo, cujos destinos mais citados são S. Marcos do Campo, Montoito, o Ramo Alto, os Montes das Alcarias, da Furada e da Rendeira (concelho do Alandroal), as margens do Degebe, Évora, Borba e mesmo Espanha. Várias são as referências a passeios de um dia inteiro, que já referi, e algumas das descrições, extremamente sensoriais, transportam-nos de maneira particularmente vívida à cena descrita:

«Quase todo o dia a cavalo. Delicioso cheiro das eiras e do restolho.» (17/08/1933)

«A cavalo a Espanha. Em perigo às quatro horas da tarde à beira de um enorme precipício nas margens do Guadiana, do lado de Espanha, defronte do primeiro moinho que fica acima do moinho do Gato.» (07/09/1933)

«As minhas viagens a cavalo ao monte da Rendeira (concelho do Alandroal) fizeram-me conhecer uma região das serras espanholas da Estremadura que eu não conhecia. À noite, os automóveis, passando no alto das serras com os seus holofotes, parecem circular no céu.» (20/09/1934)

«Partida para Reguengos às oito da manhã. Galope a cavalo no meio da verdura que tem um cheiro delicioso.» (26/01/1936)

«Em Reguengos, no Monte dos Perdigões. Passeio a cavalo ao Ramo Alto, com um tempo radioso.» (26/03/1938)

his youth. His love for this region, the fascination stirred by this “inner ocean” as his friend José Saramago called it, made him consider himself to be Alentejan. He felt that the main roots of his essential self were there. It was in the Alentejo steppe land that he went on long horse rides with his father, wandering for what could be hundreds of kilometres, even as far as Spain and lasting several days. (In fact, he made the 4 day journey between Lisbon and Reguengos on horseback to avoid subjecting the sensitive animals to the torture of the train). In this environment of bucolic serenity and isolation, an environment good for meditation, father and son had many conversations which deeply influenced the whole intellectual and moral training of João de Freitas Branco. The exogenous origin of a still hidden neural foundation.»^[136]

Later on in the same text we are shown an interesting aspect of the characteristic behaviour of Luís de Freitas Branco, which shows his personality, his mental *modus operandi*, his literary preferences, his emotional expression and life...

«His son recounted that in these equestrian conversations, there were occasions when his father didn't finish his sentence and fell into a long silence, appearing to distance himself from the subject. The son accepted the stillness somewhat ceremoniously. He left the initiative of breaking the silence to his father, and assumed a respectful attitude. But after a good few minutes or sometimes even over an hour, his father took up his sentence where he had left off, and concluded the idea he had in mind. It appeared to be a kind of pause inserted into the musical score of reasoning, and here silence seemed to be as important for the development of thoughts as it was paradoxically for the creation of the art of sounds. Though the oral discourse of a dialogue with an interlocutor was interrupted, reflection, thought, this inner dialogue that Plato talked about, was still going on – and the pause, the culture of silence was there to serve him.

The clear importance of dialogue in the literary production of João de Freitas Branco is sure to have some relationship with these colloquial experiences of his youth, but it would be a mistake to assume that music was the central theme of this very enriching conversation. They talked about the most varied subjects. Some authors were frequently brought into the discussion: Cervantes and his *Quijote* – that magnificent equestrian conversationalist, Camões, Shakespeare [sic],



Maria Helena de Freitas e o cão Rabião, no «1.º dia de ceifas» nos Perdigões, a 24 de Maio de 1952

Maria Helena de Freitas and the dog Rabião, on the «1st day of the harvest» at Perdigões, on 24th May 1952



Maria Helena de Freitas e Luís de Freitas Branco no pátio do Monte dos Perdigões, ca. 1942

Maria Helena de Freitas and Luís de Freitas Branco on the patio of Monte dos Perdigões, around 1942

«A cavalo à fronteira de Espanha. Tudo calmo. Não se ouvem tiros. Estive numa ilha do Guadiana onde há um moinho denominado “dos Calvinos”. A uns metros é Espanha. Dia admirável.» (28/12/1937)

«Passeio a Monsaraz. Saído às 7 e meia, regresso ao Monte à uma e meia da tarde. Avistado o Alandroal e Elvas. Fronteira espanhola calma.» (27/03/1938)

«Dias antes da minha chegada tinha-se ouvido em Reguengos grande canhoneio para os lados de Espanha.» (27/08/1938)

No que diz respeito a acontecimentos relacionados com a 2.^a Guerra Mundial, reflectindo apenas, e forçosamente, o parcial conhecimento de dados históricos que então se poderia obter, escreve o compositor:

«Diz-me o comerciante Sr. Rocha, estabelecido na praça da Liberdade em Reguengos, que o governo salazarista deu aos alemães estanho e volfrâmio a troco de ferro.» (11/03/1943)

«Sou informado em Reguengos de que os japoneses ocuparam Macau. Nem uma palavra nos jornais.» (19/08/1943)

A maneira como são vividos em Reguengos determinados eventos da história de Portugal, nomeadamente um aniversário da Revolução de 28 de Maio de 1926 e a eleição da Assembleia Nacional de 18 de Novembro de 1945 (59.^a eleição geral e 4.^a eleição legislativa do Estado Novo^[154]) merecem igualmente a atenção de Freitas Branco:

«Não houve foguetes na vila para festejar a revolução que se comemora no dia de hoje.» (28/05/1945)

«Em Reguengos chapelada nas eleições. Não houve foguetes.» (18/11/1945)

O Monte dos Perdigões foi também um espaço onde o cosmopolita e aristocrático compositor, nascido em Lisboa e educado parcialmente nos grandes centros culturais europeus que eram Berlim e Paris no início do séc. XX, teve a ocasião de contactar de perto com diversas facetas da vida rural, o que ao longo dos anos motivou nele reflexões de carácter social que seguramente contribuíram para ou alimentaram as tendências ideológicas que foi manifestando de maneira mais e mais intensa nos seus anos de maturidade.

This was confirmed to me by a soldier of the 16th Infantry, Jacinto Sardinha, from Reguengos, who came back from the Spanish Estremadura frontier where he was forming the “humanitarian chain”. It is a new concept of international law.» (22/09/1936)

The events in Spain during the civil war, particularly in the frontier area, continued to concern Luís de Freitas Branco during the following years:

«Today, I’m going on a trip to Monsaraz on the frontier with Spain. The day before yesterday, 3rd September, at midday, you could hear a duel of artillery around Badajoz. I heard it on my monte but was waiting for confirmation.» (05/09/1937)

«On horse back to the Spanish frontier. All calm. No shots to be heard. I went to an island on the River Guadiana where there is a windmill called “dos Calvinos”. A few metres from Spain. An admirable day.» (28/12/1937)

«Trip to Monsaraz. Left at 7 thirty, returned to the Monte at one thirty in the afternoon. Saw Alandroal and Elvas. Spanish frontier calm.» (27/03/1938)

«People in Reguengos had heard loud cannon shots in Spain days before my arrival.» (27/08/1938)

The composer wrote the following about the events of the 2nd World War, which can only serve as a reflection of the incomplete knowledge of historical data that was possible to obtain at that time:

«Tradesman, Mr. Rocha, who has a business in the Praça da Liberdade in Reguengos told me that the Salazar government has given the Germans tin and tungsten in exchange for iron.» (11/03/1943)

«I’ve been told in Reguengos that the Japanese have occupied Macau. Not a word in the newspapers.» (19/08/1943)

The way that certain events in the history of Portugal are experienced in Reguengos, particularly an anniversary of the Revolution of 28th May 1926 and the election of the National Assembly on 18th November 1945 (the 59th General Election and 4th Legislative Election of the «Estado Novo» – New

Como se vê na sua correspondência, Luís de Freitas Branco não se limitava a assistir a esses trabalhos, mas participava activamente neles, e desde cedo:

«Hoje já se começou a amassar o pão para os empreiteiros que vêm cá ceifar este ano e parece-me que já se vai começar a ceifa para a semana que vem. No outro dia quando eu e o José Luís íamos ceifar erva para as mulas o Florentino quis por força que eu lhe desse a foice para ele ceifar também. Eu já estou farto de ceifar de maneira que ceifei um grande bocado sem me ceifar um dedo ou alguma coisa que fizesse sangue. Só uma vez ao princípio eu dei um golpe de foice numa bota mas nem sequer a chegou a furar.»^[155]

Esse aspecto mantém-se até aos últimos anos da sua vida, na década de 1950; fotografias da época mostram-no instalado entre os ceifeiros com os discípulos que, por essa altura, frequentavam o Monte, ou participando activamente na matança do porco, que aliás Joly Braga Santos refere na sua correspondência^[156].

Naturalmente, esse interesse e a decorrente participação nas actividades da lavoura transmitiram-se ao seu filho João de Freitas Branco (que, como vimos, privava com o pai de maneira privilegiada ao longo de temporadas felizes no Monte dos Perdigões), chegando a assumir na formação deste último um lugar de destaque que o próprio reconhecia, segundo João Maria de Freitas Branco:

«Durante as estadas em Reguengos João de Freitas Branco participava quotidianamente nos trabalhos da lavoura, lado a lado com os operários agrícolas. Aprendera a fazer trabalho de carreiro bem como outras tarefas agrícolas. Como repetidamente afirmava, essa estreita convivência com os trabalhadores foi determinante na estruturação da sua concepção do mundo. Esse convívio prolongava-se para além das horas de trabalho, quando iam todos jogar à bisca ou ao sete-e-meio para a Casa da Malta, a que sua mãe [Maria Clara Dambert Filgueiras], com o sentido de humor que a caracterizava, chamava “o casino”. Aí havia também uma forte componente musical, pois era hábito cantarem [sic] em coro. João de Freitas Branco tinha perfeita consciência do peso desse directo convívio com a classe trabalhadora na sua formação.

State, the name officially given to the Fascist Regime ^[154] are also a matter for Freitas Branco’s attention:

«There were no fireworks in the town to celebrate the revolution being commemorated today.» (28/05/1945)

«Fraudulent votes in the elections in Reguengos. There were no fireworks.» (18/11/1945)

Monte dos Perdigões was also a place where the cosmopolitan and aristocratic composer, born in Lisbon and educated partially in the great European cultural centres of the beginning of the 20th century – Berlin and Paris – came into close contact with many facets of country life, which inspired his social reflections through the years and which are certain to have contributed to or nurtured the ideological tendencies that he expressed so strongly in his later life.

As can be seen in his correspondence, Luís de Freitas Branco did not just watch this work, but actively participated in it from very early on:

«Today, they started kneading the bread for the contractors who are coming for the harvest this year and I think it’ll begin next week. The other day, when José Luís and I went to cut grass for the mules, Florentino wanted to make me give him the sickle so that he could cut as well. I’m already so practised in cutting that I’ve managed to cut a lot without cutting a finger or anything that would bleed. Only once at the beginning did I hit one of my boots with the sickle but it didn’t even go through it.»^[155]

This facet continued until the last few years of his life in the 1950s; photographs of the time show him among the harvesters, with the disciples who were visiting the Monte at the time, or actively participating in the slaughtering of the pig, which Joly Braga Santos refers to in his correspondence^[156].

This interest and participation in the farming activities was naturally passed on to his son, João de Freitas Branco (who, as we have seen, had privileged and close contact with his father during his happy stays at Monte dos Perdigões), and played an important part in his education, which he recognised himself. According to João Maria de Freitas Branco:



Luís de Freitas Branco, acompanhado por um grupo de homens, participa activamente na matança do porco no Monte dos Perdigões, ca. 1950
Luís de Freitas Branco, accompanied by a group of men, actively participates in the slaughter of the pig at Monte dos Perdigões, around 1950



Maria Helena de Freitas, acompanhada por um grupo de mulheres, participa activamente na matança do porco no Monte dos Perdigões, ca. 1950
Maria Helena de Freitas, accompanied by a group of women, actively participates in the slaughter of the pig at Monte dos Perdigões, around 1950



Fernando Ramos (primo de Maria Helena de Freitas), Maria Helena de Freitas e Luís de Freitas Branco junto ao tanque da horta dos Perdigões, Setembro de 1946

Fernando Ramos (cousin of Maria Helena de Freitas), Maria Helena de Freitas and Luís de Freitas Branco at the tank of the Perdigões kitchen garden, in September 1946

«Cena 1^a. Pátio de um “monte” alentejano. À direita a casa dos lavradores. À esquerda as restantes construções do “monte”. Ao fundo passa uma estrada...»

«Scene 1. Patio of an Alentejan “monte”. The workers’ house to the right. The remaining buildings of the “monte” to the left. At the back, a road passes...»

preconizava um ideal de «cultura para todos», na convicção de que «um povo ignorante, inculto, não luta, deixa-se levar mais facilmente...»^[172] Não é, pois, de estranhar que o vejamos realizar «dois concertos no cinema de Reguengos em benefício da Misericórdia da vila»^[173], com o seu filho João, em Abril de 1935.

Todas estas preocupações de ordem social encontram eco em projectos artísticos que acabaram por não se concretizar inteiramente. Ouçamos mais uma vez as palavras de Maria Helena de Freitas a este propósito:

«As injustiças sociais, a vida incerta dos pobres e dos trabalhadores miseravelmente pagos e postos de lado quando “já não produziavam bastante”, constituía outra preocupação de Luís de Freitas Branco. O que se passava em certas herdades do Alentejo – o Alentejo que ele tanto amava e onde vivemos largas temporadas – não era animador. Impressionado, pensou escrever uma obra intitulada “Trilogia do Pobre”, mas que, tal como aconteceu com a “Sinfonia do Trabalho” não chegou a compor. Existe, porém, o plano de um dos números: “O Mendigo”. Os restantes seriam “O Cavador” e “O Mineiro”.»^[174]

A Sinfonia a que se refere Maria Helena de Freitas é a 5.^a do compositor, que deveria chamar-se *Do Trabalho*^[175], e cuja composição foi começada no Monte dos Perdigões a 9 de Setembro de 1950, permanecendo inacabada.

Neste âmbito, é importante referir igualmente o projecto de ópera *A Voz da Terra*, em que o compositor trabalhou a partir de Março de 1951 e até ao final da sua vida, mas que mais uma vez não chegou a concluir (subsiste um importante fragmento do 1.^o acto, correspondente a cerca de quinze minutos de música). Segundo Alexandre Delgado, «Musicalmente, *A Voz da Terra* seria a sua suprema homenagem ao Alentejo [...]»^[176]. O *libretto*, da autoria do próprio compositor, desenrola-se significativamente num monte alentejano e alude à luta de classes. O referido monte pertence «a um novo-rico (Manuel) que se mostra pouco caridoso para com os seus trabalhadores. A sua filha, Maria, é amada por Ricardo, um rapaz sem posses, com quem ela estudou em Lisboa. Maria retribuiu esse amor, para raiva do pai, que já lhe destinou um noivo endinheirado.»^[177] À leitura da sinopse do 1.^o acto que Maria Helena de Freitas nos legou^[178], podemos especular que o cenário da ópera não é apenas um monte alentejano, mas provavelmente o próprio

autor, o testamento musical e ideológico do homem pleno e convicto, do «compositor-filósofo», do professor, guia e mentor da vida musical portuguesa que soube ser, à sua maneira, Luís de Freitas Branco.

Ao mesmo tempo, vários factores decorrentes da sua história privada e da sua situação profissional (nomeadamente o afastamento progressivo das instituições oficiais a partir da década de 1940, que tornou a sua situação cada vez mais precária) ditaram a sorte desses projectos, que não se concretizaram; da sua vida, que se extinguiu; e da propriedade que tanto amou, e onde tanto viveu, criou, transmitiu, sonhou. Acabaria ela por passar para outras mãos: após constituir uma primeira hipoteca sobre a propriedade em 1940, a favor da Companhia Geral do Crédito Predial Português, Luís de Freitas Branco vê-se forçado a empenhar novamente as suas terras, em 1954, junto do mesmo banco; por fim, acabaria por vender a propriedade a Francisco Falé Batista, a 22 de Setembro de 1955^[183], após uma derradeira estadia no Monte com Maria Helena de Freitas em Julho do mesmo ano^[184]. Pouco mais de dois meses depois, Luís de Freitas Branco morre na sua casa da Rua do Século, em Lisboa.



Luís de Freitas Branco no Alentejo,
início dos anos 1950 (?)

Luís de Freitas Branco in the Alentejo,
at the beginning of the 1950s (?)



Proprietários do Monte dos Perdigões

Owners of Monte dos Perdigões

Séc. XVI / 16th c. Frutos de Góis; Isabel Perdigão

Séc. XVI / 16th c. António Perdigão Goes; Maria de Mendonça

Séc. XVI / 16th c. Luís de Goes Perdigão; Margarida de Eça

Séc. XVI-XVII / 16th-17th cc. D. Madalena de Mendonça; D. António da Costa (1580-1634)

Séc. XVII / 17th c. D. Luís da Costa (1626-1681); D. Maria de Noronha

Séc. XVII-XVIII / 17th-18th cc. D. António Estevão da Costa (1671-1724); D. Madalena Luísa de Mendonça

Séc. XVIII-XIX / 18th-19th cc. D. José Francisco da Costa de Sousa e Albuquerque,
2.º visconde de Mesquitela (1740-1802); D. Maria José de Sousa de Macedo

Séc. XVIII-XIX / 18th-19th cc. D. Luís da Costa de Sousa de Macedo e Albuquerque, 1.º conde de Mesquitela
(1780-1853); D. Maria Inácia de Saldanha Oliveira e Daun

Séc. XIX / 19th c. D. João Afonso, duque de Albuquerque

Séc. XIX / 19th c. D. António da Costa Sousa de Macedo

Séc. XIX-XX / 19th-20th c. D. Maria da Costa de Sousa de Macedo; Fidélio de Freitas Branco

Séc. XX / 20th c. Luís Maria da Costa de Freitas Branco; Estela Diniz de Ávila e Sousa

Séc. XX / 20th c. Francisco Falé Batista

Séc. XX / 20th c. Frisia, Sociedade Imobiliária S.A. (barão Sloet tot Everlo)

Séc. XX-XXI / 20th-21st cc. Henrique Granadeiro

